



MORTEN HARKET

Com a colaboração de Tom Bromley

MY
TAKE
ON ME

*Memórias sobre a formação do A-ha
e suas 3 décadas*

Tradução: Carlos Szlak

 FARO
EDITORIAL

CAPÍTULO 1

RIO (PARTE 1)

NA VIDA, há certas ocasiões em que a Terra não sai do lugar e, ao mesmo tempo, você sente que ela continua girando em torno de seu próprio eixo. Passei por um momento assim durante minha apresentação no maior festival de rock do mundo.

Em janeiro de 1991, o A-ha estava no Brasil, no mundialmente famoso Estádio do Maracanã. Em 1985, o primeiro Rock in Rio fora realizado com shows do Queen, do AC/DC, de Rod Stewart e do Yes. A versão de 1991 transcorreu durante nove noites e incluiu os nomes de maior destaque da música pop do final dos anos 1980 e do início dos anos 1990. Além do A-ha, entre as atrações principais destacaram-se Guns N' Roses, Prince, George Michael, New Kids on the Block e INXS. Entre aqueles que abriram os shows desses artistas incluíram-se desde Billy Idol até Carlos Santana. Na penúltima noite, antes de nós, apresentaram-se nomes tão ecléticos quanto Debbie Gibson e Happy Mondays.

Sempre me impressionou, e continua a me impressionar, a repercussão alcançada pelo A-ha no Brasil. Nosso êxito ali começou após nossa onda inicial de sucesso, quando *Take on Me* [aceite-me] alcançou o primeiro lugar nas paradas dos Estados Unidos e da Europa.

Em nossa primeira turnê mundial, que incluiu cento e cinquenta shows, não estivemos na América do Sul. Então, em 1989, exatamente quando essa primeira onda começava a arrefecer, fomos ao Brasil, onde fizemos diversas apresentações e voltamos a surfar no topo das paradas. Foi a primeira vez que tocamos ali, e depois realizamos uma série de grandes shows no Rio e em São Paulo, para plateias de até noventa mil pessoas.

A quantidade e o calor dos fãs brasileiros nos pegaram de surpresa. O que os latinos viam no A-ha? Afinal, os brasileiros são gente cheia de alegria, que tem o samba, um ritmo com muito movimento. Não fazia sentido. Um amigo de Magne tinha uma teoria e sugeriu:

— É que o A-ha faz dance music para a alma.

Lembro-me de ter rido quando ele disse isso.

— Sim, certamente não fazemos dance music para o corpo!

— respondi.

No entanto, talvez haja algo por trás do que ele disse. Quem sabe toda aquela distância tornasse mais fácil transmitir a mensagem da música. No começo dos anos 1980, quando partimos da Noruega para Londres, para assinar nosso primeiro contrato com uma gravadora, buscávamos uma identidade para nos inserir na cena musical, mas, ao mesmo tempo, nos diferenciar nela. Estávamos todos tentando descobrir aquela pequena distinção que nos faz sobressair. Porém, quando se vai para um lugar distante como o Brasil, os fãs não prestam tanta atenção à embalagem. Há algo acerca da distância que torna mais fácil olhar através disso e perceber o espírito por trás da música.

Ao chegarmos ao Brasil para o Rock in Rio, soubemos que aquele seria um grande evento. Ainda assim, a dimensão de tudo nos deixou apreensivos. Durante a semana, fui ao estádio e, ao lado do palco, consegui assistir ao show do Guns N' Roses para cento e sessenta mil pessoas. Fui influenciado por esse tipo de música e sempre gostei de gente como Hendrix e grupos como Led Zeppelin; para meu gosto, o Guns N' Roses exagerava nos truques, mas foi um grande

espetáculo e meu primeiro vislumbre do tamanho da plateia. Dentro de poucos dias, estaríamos tocando para aquelas pessoas e essa era uma perspectiva impressionante.



Dois anos antes, eu, meu amigo jornalista Jan e um turista inglês chamado Martin observávamos a decolagem de um avião Cessna com capacidade para cinco passageiros, que nos levava até uma pequena clareira no coração da floresta amazônica. Vimos o pequeno avião desaparecer no céu avermelhado pelo sol do entardecer, com o ruído de seus dois motores perdendo força e sendo substituído pelo zumbido dos insetos. Em seguida, o silêncio. Apenas nós, nossa bagagem e nenhum sinal de nosso guia. Com o anoitecer chegando, nos entreolhamos. Tudo bem, a ausência do guia era um problema. Mas a ausência total de pessoas era algo ainda mais preocupante.

A viagem fora uma decisão tomada por impulso. O A-ha terminara uma série de grandes shows na América do Sul e eu precisava de um tempo. Queria fugir daquilo tudo, escapar da pressão e do estresse de ser propriedade pública, fugir de ser perseguido por toda parte por fãs bem-intencionados e pelos paparazzi. Jan e eu viajáramos pelo Brasil, avião após avião, tentando nos livrar da mídia. As distâncias que percorríamos eram enormes — é fácil esquecermos que o Brasil só é um pouco menor que os Estados Unidos ou a Europa —, e toda vez que pousávamos, sabíamos que, cerca de uma hora depois, a imprensa chegaria ao local.

Só quando fretei o Cessna soube que finalmente escaparia das lentes das câmeras. Não tive muito tempo para achar um avião, mas, por não ter sentido cheiro de álcool na boca do piloto, considerei aquilo um bom sinal. Durante horas, sobrevoamos a floresta tropical, densa e verde-escura, até o nosso destino: um local próximo a Rio Branco, quase na fronteira com a Bolívia. Deveríamos ser recebidos na minúscula pista de pouso por um agricultor, que seria o nosso

guia. Orientados por ele, penetraríamos a mata a pé, de canoa e carro. Este era o plano.

Desde cedo na vida, a natureza sempre fora um santuário para mim. Durante minha adolescência e juventude, colecionei orquídeas selvagens e meu caso de amor com o meio ambiente jamais desapareceu. No auge da popularidade do A-ha, o mundo natural era onde eu podia desaparecer e me reencontrar.

Jan, Martin e eu formávamos um trio curioso. Sob vários aspectos, um grupo tão improvável quanto Paul, Magne e eu no A-ha. Jan havia acabado de terminar com a namorada e, assim, por motivos distintos, também quis fugir de tudo. Ele não viajara muito para fora da Europa e estava, em suas próprias palavras, morrendo de medo daquela viagem. Jan ficava lendo em voz alta trechos dos livros que comprara sobre a Amazônia. “Você sabe que a chamam de ‘inferno verde’?!”

Além dos perigos relativos à natureza, Jan também não parava de nos lembrar a todo instante dos perigos criados pelos homens. Poucos meses antes de nossa visita, o ativista e ambientalista Chico Mendes fora assassinado em Xapuri, uma pequena cidade próxima de onde se encontravam. Por muitos anos, Mendes militara a favor da proteção da Amazônia, contra as ameaças do desmatamento e da pecuária extensiva. Em dezembro de 1988, ele foi morto por um fazendeiro; o décimo nono ativista assassinado naquele ano.

Claro que Jan, depois de receber de mim toda essa informação, ficou ainda mais preocupado. Ali estávamos nós, avançando na direção do coração de um território selvagem, desarmados e desprotegidos. Martin, nosso companheiro de viagem, era um pouco mais audacioso. Após concluir um trabalho, ele decidiu viajar pela América do Sul por algum tempo. Além de ser um cara legal, tinha conhecimentos linguísticos muito necessários. No lugar para onde estávamos indo, ninguém falava outra língua além do português. Embora Martin — como Jan e eu — não falasse uma palavra desse idioma, era fluente em italiano. Parecia haver suficiente semelhança entre as duas

línguas, pois ele conseguia se fazer entender. Assim, fizemos o convite para Martin se juntar a nós.

Com o sol desaparecendo atrás da copa das árvores, só nos restou sentar na clareira e esperar. Cerca de meia hora depois da partida do avião, finalmente escutamos o ruído da aproximação de um carro. O motor tossia e ofegava, parecendo à beira da exaustão. Quando o carro enfim chegou, o condutor não era o nosso guia, mas sim um motorista de táxi local. Sua mulher escutara o barulho do avião e o chutara para fora da cama, para que ele viesse ver se alguém precisava de uma condução. Graças a Deus ela fez isso. O motorista de táxi era um negro imenso, tão grande que mal sobrava espaço para nos acomodarmos. Mas ficamos satisfeitos com sua presença e demos um jeito de nos espremer no interior do veículo.

A viagem pela Amazônia continuou a se desenrolar de modo surreal. No dia seguinte, Jefferson, um amigo do guia, apareceu no hotel e se ofereceu para assumir seu lugar. Ele explicou que nosso guia original conhecera uma garota e dera uma escapada com ela. Jefferson ligou para nosso quarto do hotel para dar essa explicação, mas o seu desconhecimento do inglês e o meu desconhecimento do português eram de tal ordem que ele precisou de quase uma hora para me fazer entender que estava me esperando na recepção, a não mais de três metros de nosso quarto. Jefferson convidou nós três — Jan, Martin e eu — para uma refeição em sua casa, para discutir a nossa visita. Assim que terminamos de comer, Jefferson quis ampliar sua generosidade como anfitrião: debruçando-se sobre a mesa, perguntou se eu gostaria de ficar com sua mulher à noite. Ela, que estava sentada à mesa conosco, sorriu sem jeito, enquanto eu, educadamente, procurava declinar da oferta. Jefferson, acho, não entendia minha recusa. “Ela é muito boa”, ele insistia, oferecendo de novo toda vez que eu recusava.

No dia seguinte, enfim, partimos para ver aquilo pelo que eu tanto viajara: os infinitos encantos da floresta tropical. Embarcamos com Jefferson numa canoa e começamos a remar, navegando ao

longo de um rio esplendoroso. Após algum tempo, consegui relaxar. Até que enfim... uma pausa. Fui capaz de me desligar do meu habitual estado de prontidão máxima, desacelerar e experimentar a tranquilidade do ambiente.

No entanto, esse relaxamento durou apenas algumas horas. Pouco antes de terminarmos aquela nossa jornada exploratória, notei um alvoroço à nossa frente, na margem do rio. Quando a canoa parou, desembarquei na rampa de terra e escutei um som demasiado familiar. Senti um calafrio percorrer minha espinha. Não entendi o que diziam, mas, entre as palavras em português, reconheci meu nome e o da minha banda. Então, escutei ruídos surdos de passos e gritos histéricos e vi um grupo de trinta, quarenta, cinquenta mulheres correndo em nossa direção.

Paralisei na hora. Como até aquele momento me sentia relaxado, minha guarda estava baixa. Tudo o que havia atrás de mim era o rio; assim, não tinha como escapar das mulheres que corriam em minha direção. Elas estavam tão histéricas que nem mesmo reduziam a marcha à medida que se aproximavam. Lembro-me da adolescente que liderava o pelotão, uma garota enorme que se atirou sobre mim. Ergui o cotovelo para amortecer o impacto e ela o atingiu em cheio. Foi um pandemônio. Um contraste cruel com a paz que eu desfrutara apenas alguns minutos antes.

Em minha mente, sempre guardei aqueles santuários para onde eu podia escapar, onde podia recarregar as energias e ser apenas eu mesmo. Naquele momento, porém, me pareceu que não restara mais nenhum lugar para ir.



Como músico, meu objetivo jamais foi virar celebridade. Além disso, o A-ha não era uma banda que criava factóides ou dava declarações bombásticas para ganhar manchetes. Nunca saímos em busca do circo da música pop, mas, com o sucesso, o circo veio

naturalmente em nosso encaixo. E, como líder da banda, sua pressão implacável pesou sobretudo em meus ombros. Dei o melhor de mim para lidar com isso; contudo, após o episódio às margens do rio amazônico, pude sentir seu insidioso efeito insinuando-se em cada aspecto de minha vida.

Quando estava em público, eu era uma pessoa diferente. Comportava-me como um animal, recorrendo aos instintos para ler os sinais. Aprendi sozinho a caminhar num ritmo alucinante, cinquenta por cento mais rápido do que o normal. A primeira coisa que fazia ao entrar num recinto era descobrir como poderia escapar dele. Aprendi a captar o astral de uma situação de modo incrivelmente rápido, observando as pessoas através de seus reflexos, dos muito óbvios aos muito sutis. Era capaz de perceber o instante em que alguém me reconhecia e eu tirava vantagem dos preciosos segundos em que a mente da pessoa elaborava quem eu era. Esses pequenos incidentes ou detalhes podiam não parecer importantes, mas eu notava muitas vezes como esses gatilhos se desenvolviam dentro de mim quando eu menos esperava. Num primeiro momento, era parado por um indivíduo; no seguinte, tinha de encarar toda uma multidão.

Grande parte do tempo, havia seguranças ao meu lado, mas muitas vezes a presença deles era autodestrutiva. Quando eu tinha aquele arsenal de pessoas por perto, atraía a atenção e ficava muito menos ágil. Entretanto, alguns lugares, como no caso do Brasil, exigiam que eu tivesse um grupo ao meu lado. Não tanto para me proteger, mas para proteger as pessoas e os fãs, para assegurar que os acontecimentos não fugiriam do controle, para garantir que ninguém se machucaria na confusão.

Meu segurança principal era um cara chamado Jerry Judge, um irlandês engraçado e de língua afiada, que eu amava e ao mesmo tempo odiava. Amava-o porque ele era muito divertido, uma figura para se ter por perto; odiava-o porque sua presença era a personificação de minha falta de liberdade. Jerry era um dos melhores em seu

trabalho. “Ele tomaria um tiro para te proteger”, o produtor do Rock in Rio me disse certa vez.

Em meu caso, essa situação nunca ocorreu. Mas, alguns anos mais tarde, Jerry provou sua coragem enquanto cuidava de Iman, a mulher de David Bowie. Numa visita à África, ele e Iman foram vítimas de uma emboscada quando viajavam num jipe. Quando o motorista deles saiu correndo e uma chuva de balas os atingiu, Jerry jogou Iman no chão e a protegeu com o próprio corpo.

Jerry se enfureceu quando descobriu que eu viajara para a Amazônia sem lhe dizer para onde iria. Ao retornarmos ao Brasil para participar do Rock in Rio, ele não me perdeu de vista em momento algum. Todo lugar aonde eu ia, ou queria ir, lá estava Jerry, de braços cruzados, dando ordens sobre o que eu podia ou não podia fazer. Na maior parte dos dias que antecederam o show, virei quase um prisioneiro em nosso hotel. Eu teria adorado ver mais dos outros shows e bandas, mas logo me dei conta do quão difícil era a tarefa de simplesmente chegar ao estádio.

Certa noite, “escapamos” para jantar em um restaurante. Estávamos prontos para deixar o lugar quando nos deparamos com uma multidão — centenas de pessoas. Tivemos de forçar nossa passagem até alcançar o carro. Quando o motorista tentou partir, ainda havia dezenas de fãs agarrados ao veículo, impedindo seu movimento (mais tarde, as maçanetas das portas de nossos carros passaram a ser equipadas para dar choque, para impedir que essas cenas se repetissem). Depois disso, realmente não tornei a sair.

A semana que antecedeu o show foi estranha. Finalmente, porém, o sábado chegou. O deslocamento do hotel ao estádio envolveu escolta policial: acho que eles se divertiram com isso tanto quanto nós. Parece engraçado, mas participar de um desses desfiles, com capacetes e equipamentos para reprimir manifestações, também gera um certo constrangimento. Lembro-me da atmosfera e do barulho quando nos aproximamos do Maracanã. Trata-se de um dos maiores estádios do mundo e a adrenalina tomou conta de mim quando ele se

tornou visível. Tudo era extremo: o calor e a umidade da noite, o frio de gelar do ar-condicionado. A gente entrava e saía dos carros e dos espaços fechados e era como se alguém estivesse girando rapidamente um botão de controle da temperatura.

Não vi muito das outras bandas. Não queria que aquilo virasse assunto — se eu sáísse do camarim, imediatamente haveria um bando ao meu redor, me seguindo, cuidando de mim. As pessoas simplesmente precisavam prosseguir com seus trabalhos e eu também precisava de espaço. Assim, permaneci em meu camarim, enquanto Debbie Gibson e Happy Mondays faziam o show de abertura da noite. Àquela altura de nossa carreira, Paul, Magne e eu tínhamos camarins individuais. Gostávamos que fosse assim. Haveria muita espera e não queríamos nenhum problema sério ali, silêncios incômodos ou irritações mútuas.

Quando me preparava para me dirigir ao palco, tive uma conversa com Mel Bush, o produtor:

— Ainda estamos contando, mas provavelmente vamos superar o recorde mundial de plateia pagante — ele disse. — São cerca de duzentas mil pessoas. É um grande momento, Morten.

— Ok — respondi, tentando receber a notícia com calma.

Ao me dirigir para o palco, enfrentando o calor úmido de uma noite carioca, rumo à barreira de ruído da multidão, as palavras do produtor ecoavam em minha mente: “É um grande momento, Morten.” A previsão de Mel se confirmou, mas não da maneira como ele imaginara. O show do Rio foi o maior de minha vida, mas ele se tornou inesquecível por outros motivos. Não foi apenas o Rio que balançou naquela noite; meu mundo também.

Há uma música no primeiro álbum do A-ha que de certa forma resume minha vida até o show do Maracanã: *Living A Boy's Adventure Tale* [vivendo o conto de aventuras de um menino]. Eis o que a jornada com o A-ha tinha sido: uma aventura estonteante, uma história acidentada. Mas eis o que eu também tinha sido: um garoto. Naquela noite incrível no Rio, as coisas mudaram para mim. Dei-me conta de muitas verdades profundas: cresci, virei homem.

Quase um quarto de século depois, Paul, Magne e eu mais uma vez tocávamos juntos no Rock in Rio. E tudo aconteceu exatamente trinta anos depois do nosso single de estreia ter alcançado o primeiro lugar nas paradas de sucessos mundiais e também do lançamento do primeiro Rock in Rio. Não sou do tipo nostálgico, costumo olhar sempre para frente, mas tudo isso me trouxe muitas lembranças. Eis do que se trata este texto autobiográfico: dar a vocês a verdadeira história desse conto de aventuras de um menino e oferecer-lhes a minha autoaceitação. É uma história que alcança seu clímax no estádio mais famoso do planeta, mas que começa a meio mundo de distância, três décadas antes, no coração do sul da Noruega.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JANEIRO DE 2022